

FANTOCHES

BASTIDORES DA POLITICA E DOS NEGOCIOS

DIRECTOR E EDITOR

ROCHA MARTINS

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Rua do Alecrim, 65 — LISBOA — Telefone 2440 - C.

Os acusadores da republica

Quem acusa o regimen — Palavras de corifeus
Processos contra ladrões — Os realistas ante
os delittos — Quando chegará a hora do castigo?

Embora o *Mundo* se excitasse a pedir penas severas para os monarchicos que atacam a republica e até se referem ao seu presidente, o governo deu ordens terminantes para não se apreender quaisquer publicações. Naturalmente nos *Fantoches* compreendeu-se muito bem o que se desejava e pensou-se que seria um comensal de Belem — um frecheiro da dobrada das 5.^{as}-feiras — no meio duma pesada digestão, quem arrotou semelhantes azedumes. Do *Mundo*, órgão grave, onde labuta uma pleiade democrata, não esperavamos semelhante mau sintoma de pessimo chylo de principios.

Inteligentemente andou o governo em não fazer a vontade a quem pedia para se meterem na ordem os realistas, visto não serem eles quem se lançaram contra os homens da republica num extravazamento de improperios, os quais — digo-o eu, com os acusadores — deveras os merecem.

Estou escrevendo estas linhas, hoje, domingo, por uma lindissima manhã abrilina, no fundo do meu gabinete, onde chega o chilrear dos passaros no dealbar. Pois faz exactamente 8 dias que uma das mais velhas figuras republicanas, o companheiro moço de José Elias, de Bernardino Pinheiro e de Latino, velhos, — o dr. Magalhães Lima — dizia o seguinte, na Universidade Livre, diante do povo republicano que, delirantemente, o aplaudiu.

«Protesta contra o facto dos homens da Republica se terem desviado do seu verdadeiro caminho, e diz que é isso a causa da indiferença do povo, que não vê uma marinha republicana, um exercito republicano, um professorado republicano! (Apoiados).

O que o povo deseja é que a moralidade entre na administração pública! Reclama também o povo que não se reeditem os escandalos conhecidos por escandalos do regimen! Reclama ainda o povo que os senadores e os deputados não acumulem esse cargo com os de outros, e principalmente com o cargo de delegados de empresas particulares! (*Longos applausos*).

Prossequindo, o orador afirma que a situação actual é verdadeiramente tenebrosa, e que tanto republicanos, como monarchicos, como socialistas, estão como nos ultimos tempos da monarchia, em que não se entendem com o caminho que as coisas levam.

Espera que esta iniciativa obtenha os melhores esforços, com a cooperação das Camaras Municipais, Juntas de Freguezia, etc.

— Actualmente — declara — não existe espirito republicano. Ora o que é preciso, antes de tudo, é que esse espirito ressurja para que possamos normalizar a nossa politica, e sobretudo a politica economica, que é a principal e a primeira de todas as politicas! > (*Apoiados*).

Para se atacar a republica não é preciso mais do que transcrever o que dizem autoridades no assunto como a que cito gostosamente.

Isto é lá republica, é lá regimen! Os republicanos convictos ou foram assassinados como Machado Santos, Carlos da Maia, Granjo, ou se afastaram enojados como José Caldas, Artur Leitão, Antonio Claro, José Relvas, Jacinto Nunes, João Gonçalves, capacidades do regimen, as quais foram seguidas por milhares de descrentes de menos categoria. O que ficou, à parte alguns que deteem ainda esperanças e lutam pela republica — Alvaro de Castro, Brito Camacho, Bernardino Machado, foi um fundo do partido — com os idealistas à Mayer Garção — o resto é um bando de monarchicos relissimos, sem talentos e sem convicções, incapazes de compreender principios e que saquearam a nação com a ajuda de alguns *historicos* intrometidos nos negocios pingües e à frente dos quais se encontra o sr. dr. Afonso Costa, cuja aura é tanta que já teme aparecer em publico e para falar da sua lei de Separação vai para um recinto fechado a profanos, para a Maçonaria.

Mas quem afirma que as bandalheiras não param. que os assaltos aos cofres publicos são constantes, que se acaloram em constante febre de negocios os individuos da situação? Ainda republicanos.

Eu sou um amigo de Ribeiro de Melo, senador, consul, velho republicano da epoca da conspiração, grande camarada do fundador do regimen e que não costuma dizer cousas muito diferentes das seguintes quando tem de analisar tudo isto:

«Ataca energicamente a administração publica, dizendo-a culpada de todas as roubalheiras cometidas e do desprestigio do regimen.

— A voz dos republicanos — exclama — ainda não está totalmente abafada, e nós ainda podemos meter na cadeia essa CAFILA que tem ultrajado os interesses nacionais e comprometido a ideia da Patria! > (*Apoiados*).

Tais palavras, bem como as do dr. Magalhães Lima, foram extraídas da *Imprensa Nova*, cujo redactor, que assistiu à sessão, as escreveu sem que fosse pedida a menor rectificação.

Falaram, ainda, outros oradores mas que não teem categorias de antigos combatentes ou logares de destaque. Julgo mesmo que assistiu à sessão, onde se propôz processar os culpados das falcatruas, alguém que tem participação nuns terrenos concedidos pelo sr. Norton de Matos, em Angola, e alguns deputados e seus aderentes, o que não é muito moral para quem tanta moralidade deseja e que cheio de razão, ao apontar os crimes dos outros, também se deve lembrar das escapulidelas da sua consciencia.

É certo, porém, que para pontapear esta balburdienta forma arruinadora do país, basta transcrever o que dizem em publico os seus corifeus. Enquanto ao que declaram em particular isso não deve vir nas paginas dêste panfleto, porque pareceria inconfidencia, embora nem sempre o digam em segredo.

Aquela reunião da Universidade Livre acabou com a freima de vêr muita gente presa. Eis o que ambicionou o grão-mestre da maçonaria, num justo e digno desabafo:

— Mais do que nunca estou convencido que o povo reclama a punição para os ladrões, o saneamento moral da sociedade portuguesa, a rigorosa punição dos escandalos, etc.

Quem aponta as faltas? As pessoas de grande fé republicana e tanto desejo de salvação para o regimen que buscam limpá-lo com a mesma furia de quem andasse a querer sanear com baldes de agua a rebentação pútrida duma cloaca, onde se despejassem todos os detritos duma cidade empanturrada.

Não careço de castigar, de chicotear, de apontar escandalos que a prescrite; é suficiente ler os jornais para os encontrar, conversar com algumas pessoas para os conhecer, e, como não me importa absolutamente nada das qualidades politicas que os miseraveis possam arvorar para me calar, vou sempre tendo assunto e dizendo a verdade. Se um monarquico prevarica, esfarrapo-o com mais razão do que a um adversario. A Causa tem que ser digna, honesta, para merecer a confiança do povo desiludido.

As tendencias do meu espirito levam-me mais para ele que para os salões e espero muito dum sincero movimento, no qual o veja de novo a bater-se. E preciso limpar esta sociedade decadente, como eu, ha dias, limpei as ortigas do meu quintal.

No proprio Congresso democratico se ouviram protestos contra a fórma como a republica caminha. O sr. João Camoegas — quem o diria?! — achou «que a democracia politica não corresponde à democracia economica». Quere dizer que se ha uma plutocracia dominando na praça, o que governa é uma oligarquia, a qual concede — e o orador bem o sabe e dentro em pouco colherá os proventos — terrenos importantes nas colonias a quadrilhas de legisladores que pensam em vendê-los aos estrangeiros.

Pois apesar destas dádivas, o antigo estudante e ministro da instrução, classificou, e bem, a acção republicana de «politica bastarda». Os portugueses, e especialmente os alentejanos, sempre tiveram muito geito para pôr alcunhas que ficam a matar.

A arraia miuda do Congresso soltou verdadeiros gritos de alma!

Um até exigiu que se «extingam as oligarquias que infestam a republica. Os monarchicos não costumam dizer estas cousas. Limitam-se a apontar os escandalos.

A *Capital*, tão republicana que até foi o ninho onde se chocou o celebre 14 de maio, é que não se detem na analyse da republica, dos seus processos e dos de seu dono.

Ora, quando o *Mundo* solta os seus alarmes contra os realistas, verberadores dos crimes da republica, está a brincar com os correligionarios, pois quem fala mais dos ladrões, dos concussionarios, dos bandidos são os proprios republicanos ao apresentarem num comicio publico uma moção para «meter na cadeia todos os prevaricadores do regimen».

Naturalmente só quando êle mudar isso será possivel, e então, muitas penitenciarias serão precisas.

Feita a revolução das direitas, devem punir-se todos os culpados — ou ela não terá razão de se deflagrar. Se o movimento nascer dos avançados — comunistas, anarquistas, sindicalistas, nunca socialistas — os castigos tambem não se farão esperar. Mesmo que se deem passos esquerdistas, por parte dos reus, não será possivel esquecer, entre outros, quem sacrificou uma patria em holocausto a algumas cestas de tomates ou quem a começou a arruinar para obter os primeiras libras da Furness.

E agora, desde que os homens do regimen accusam naqueles termos, cá fico à espera, pelo menos, da demissão de um e da extradição de outro.

O brio da cidade do Porto

**A bondade duma capital — As damas portuenses
e a Misericordia — Resposta a uma indiferença
— Pedintes salvadoras — Abençoadas sejam.**

O Porto é a cidade do brio. Essa gente do norte tem franquezas que eu amo e tem generosidades que no sul mal se compreendem. O Porto, para mim, homem de Lisboa, merece admiração. E' que o Porto tem carácter, uma cousa já rara no paiz.

Se não houvesse a demonstra-lo toda a sua linda historia bastaria os 832 contos que num só dia, deu ás dignas senhoras que lhe solicitaram um obulo para os pobresinhos da sua arruinada Misericordia. Elas, as portuenses, subiram com seus sorrisos timidos e suas convicções firmes de boas praticas, entraram nos estabelecimentos, nos carros, nas oficinas, nas lojas, nas casas e até no Congresso Democratico como se fossem as formosas christãs doutroa diante das bocarras das jaulas dum grande circo. Não se importaram pedir; e deviam ser lindas em suas supplicas, pois nada ha mais belo do que uma mulher solicitando sem baixeza.

Elas sabiam haver muita necssidade de salvar os pobresinhos, de não deixar cair na agonia a velha instituição, e com esse admiravel instincto das almas femininas, lançaram-se no seu peditorio. Ninguem lhes disse, não; nem pobres, nem ricos. Esmolaram; entregaram-lhes uma fortuna. Bemditas sejam as mãos que pediram; bemditas sejam as que deram.

Quando, egoistamente, as estações officiais se entrincheiram num grande indiferentismo, as mulheres meditam no horror da situação dos invalidos, dos desditosos, dos humildes, e por cada velhinho que viam, por cada creancita faminta que topavam não podiam esquecer os avós aqueles que as tinham acalentado com suas cans e os sorrisitos de amor dos que acariciam hoje nos seus lares bem providos. E, então, meditavam, pensavam nos desventurados entre a dureza dos tempos que vão correndo e que são como penhascos a barrarem a passagem à bondade,

Os homens, na sua rude faina de batalhadores, não teem minutos para pensar no que devem em auxilio uns aos outros; são as mulheres que pensam por elles, ou antes, que se deixam guiar por seus corações. Os exemplos das transformações sociaes, deixam indifferentes aqueles rijos animos; a idea duma derrota influe imenso nos ânimos femininos.

O homem não cura de religião; é mais supersticioso do que crente; a mulher tem em si toda a doutrina christã e a sua alma arrasta-a, condu-la, leva-a a querer melhorar a sorte dos productos duma imperfeitissima sociedade, onde são sempre os mais honestos os menos compensados. O instincto e a religião é que obrigam a mulher a actos que, por vezes, parecem incompreensíveis; a sua sensibilidade afinada faz o resto. No seu rancor profundo ás mudanças de instituições, ao aparecimento dum regimen novo, elas não arvoram uma razão politica mas a da defeza do lar transtornado pela subida de aventureiros, sedentos de gosos, ao poder. Quando se chegar à impossibilidade de possuir os confortos mais banais, as mulheres entrarão na revolução redimidora.

E' rara a mulher republicana e excepção feita dalgumas viragos-publicas; rara é a mulher blasfemadora, á excepção dalgumas publicas-viragos. As senhoras do Porto são, como o resto das mulheres portuguesas, mas o que as torna mais audazes nas suas resoluções é o ambiente que as rodeia. Metido no seu escritório, na sua fabrica, no seu armazem, na sua lida, o portuense não sabe resistir a um pedido duns labios que falam de caridade, duma bôca feminina que parece apelar para o seu brio ferido. Então a cidade do trabalho — queriam elas dizer, sorrindo e estendendo as mãositas — tem uma Misericordia ao abandono e não a salva? Então os portuenses, tão generosos que não deixaram um adventicio chefe de republica pagar as suas despesas no hotel — e que largas despesas! — consentem que se perca uma secular instituição de caridade?

E eles, que já tinham sentido isto mesmo mas não se atreviam a dizer-lo, nem a si proprios, sorriram e abriram os seus cofres.

Num dia 832 contos passaram pelas mãos beneficiadoras das senhoras do Porto; no mesmo dia milhares de mãos de infelizes se ergueram para o céu e a cidade, salvando o seu tradicional sentimento, demonstrou que se sabe pagar a hospedagem a quem a visita em ar de festa, tambem sabe festejar quem esmola para os pobres esquecidos por muitos que se fizeram ricos à força de os explorarem.

Os tinteiros das fezes

Os que se dizem jornalistas — As revelações da
"Epoca," — Os exploradores da letra de im-
prensa — Considerações a tempo — Os que
aproveitam aqueles "periodistas"

Neste momento, em Portugal, vale mais possuir um jornal honrado do que um jornal brilhante. A *Epoca* acumula: é honesto; é bem feito. Quando digo vale mais pertencer, dirigir, ou assinar um periodico daqueles que os tintamarrescos orgãos de varias exhibições, claro que não me refiro aos lucros materiaes a advirem duma attitude direita, correcta, digna. As empresas honradas e os homens de bem debatem-se em medianias diante dos fabulosos lucros dos que não teem consciencia. Na imprensa ha quem molhe as penas nos tinteiros e quem as mergulhe em cloacas.

E são esses miseraveis — aos quais já nem classifico de *Piratas do Mar da Tinta*, destinado a outros que tratarei, talvez, num livro singular de revelações sobre certos plumitivos cujos tinteiros fedem como ninhos de poupas; — são esses miseraveis — repito — que a *Epoca* aponta como deshonrando a profissão que outros tanto nobilitam.

Vejamos a parte das revelações do preclaro jornal relativamente aos que se dizem jornalistas e exploram, numa *chantage*, essa infamia das casas de jogo para aí a medrarem sem regulamentos nem vigilancias:

«Os jornaes de maiores categoria desde o candido D. ao E. impostor todos tambem davam a sangria em harmonia com a publicidade respectiva e os outros diarios por ahi abaixo, não perdiam a occasião de sangrar a miudo.

O processo porem era diferente.

Os cavalheiros que se apresentavam á sangria não eram os Directores, pois são pessoas impolutas e imparciaes, que ou eram pessoalmente contra o jogo ou o queriam regularmentado.

Como, porem, são muito esmoleres e caridosos os clubs oferecem-lhes alguns meios para socorrer a pobreza por eles protegida e por essa forma, se os clubs quizerem serem generosos, os intermediarios prestam-se a conseguir o fim almejado: o silencio dos referidos periodicos.

Assim, o rendimento continuava dia a dia mais succulento e os clubs iam vendo proporcionalmente reduzir-se-lhes os ganhos em proveito dos jornaes !!!

Perfeitamente. Mas precisamos de mais esclarecimentos.

Ha ali, nitida, sem indecisões, a declaração de que certos jornaes, pelo processo indicado, sugam os batoteiros.

Decerto se vai dar na imprensa honrada um movimento para reprimir semelhante acusação. É crível que alguns individuos sem moral se tenham servido do estratagemas e como ele lança muita lama sobre os profissionais do jornalismo, eu espero, por parte de algumas das associações de imprensa, que para aí existem, o inquerito que nos faça conhecer semelhantes redatores... de golpe.

Entre nós, como se sabe, é frequente o jornalismo de tesoura; apparece, porem, o de gazua, o de navalha golpejando os traficantes para lhes apanharem restos dos seus inconfessaveis proventos.

Seria necessario que o articulista nos dissesse os nomes dos que chantageiam com as batotas enlameando-nos. Dentro em pouco ninguem mais se poderá dizer jornalista desde que este mister se tornou num valhacouto.

Ora continuemos a analisar o artigo da *Epoca*:

«Os semanarios C. e D. procediam pela mesma forma, sendo para notar que esses pasquins se imprimem numa tipografia reles e de poucos escrupulos, que leva aos seus autores oitenta escudos por numero de que apenas tira e fornece meia dusia de exemplares, para afixar nas ruas principaes da baixa e os Directores mostrarem áqueles»

Com effeito surgem de vez em quando alguns semanarios mal escritos, farroncantes, dirigidos por nomes desconhecidos, de tiragem duvidosa, cuja vida depende de mil e uma patifarias. As suas redações instalam-se em quartos alugados — ás vezes em prostibulos — e os cavalheiros industriosos que as dirigem ou manufacturam teem, acerca da fórma, das ideias, dos processos da profissão, as mesmas noções que os gatunos de carteiras mantem acerca da escrita do Banco de Londres. Serve-lhes o papelucho para sacar bilhetes de teatro, apanhar alguns anuncios e dar aos vadiotes que os exploram uma especie de tolerancia social. *Palma Cavalão* deixou estes filhos que, como se vê, são dos mais assiduos na pedincha aos batoteiros.

Que vergonhosa industria a de uns, que apavoradas consciencias as dos outros!

Mas acaso o meu amigo Ferreira do Amaral, que chefia a policia, com fé numa limpeza geral, não terá meio de lançar sua rusga para essas cavernas onde se falsifica tudo e assim como manda cortar as guedelhas aos malandrins não lhe seria possivel mandar palmatoar, aos cantos das esquadras, os individuos que as mãos pegam numa pena como num punhal ou fazem dela uma bandeja de mendigos cantadores de lérias ou bolsadores de injurias conforme lhes corre a moeda? Não ha meio de meter na cadeia, com algum escandalo, esses cavalheiros de tão porcas reputações?

Pelos modos os que traficam assim são conhecidos. Exercem a sua razia como qualquer dos gatunos em voga. Tenho a impressão de que o *Aspirante* ou o *Pé de Cera*, com suas artimanhas, são mais dignos de que se lhes aperte as mãos porque, ao menos, correm riscos o que não succede a estes bandidotes.

Fala-se, para aí, dum que começou por deitar as unhas a alguns

charutos e continua a charutear os incautos por processos aprendidos quando abria as caixas de tabaco sem conhecimento do dono que houve, por bem, prover uma delas de tilintante aparelho que foi revelador da mão audaz e extranha que se lhe dirigia como a de legitimo possuidor. Assim se apanhou o futuro periodista em sua escamoteação de elegante fumador e burlista.

Ah! que se eu um dia tenho a mais pequena participação no poder, tanto se me dá saltar por cima das conveniencias como beber uma taça de champagne. Como ha redações que são estabelecimentos, onde se tramam infamias do genero das apontadas na *Epoca*, fecha-las-ia, meteria no Limoeiro os propinantes e receberia os aplausos dos verdadeiros jornalistas cuja profissão é invadida pelos intrusos acanalhados que em vez de falsificarem assinaturas possuem gazetas de falsificados intuitos, os biltres!

O esplendido jornal catolico — que jamais nega seu auxilio ás justas campanhas — continua, nesse artigo merecedor duma detida analyse:

«Ha dias, como do costume, estava eu no Mercado da Praça da Figueira gastando uns miseros dez escudos em alimentos para a familia procurando por um lado e outro onde encontrar mais barato, e depa-rou-se-me o Director de certo certo jornal da noite. Andava muito janota e bem posto, badine na mão e grosso havano caro ao canto da boca.

A' queima-roupa disse-me:

— Por aqui?!

— E' verdade — respondi — infelizmente, para não ser roubado pela criada. — E acrescentei: — O que me admira, é ve-lo por cá.

— Pura distracção — respondeu. — Disseram-me que estes açambarcadores impedem os mercados livres, que a Camara estabeleceu agora; ora o sr. que é frequentador, pode dizer-me alguma coisa sobre o assumpto, pois preciso verberar acrementé tal proceder, causa do encarecimento da vida . . . Isto é mudando de tom — eu não sou homem que ataque logo, sem verdadeiro conhecimento de causa, e por isso venho inteirar-me . . . Depois antes de escrever, ainda hei-de falar com a Direcção da Empreza Exploradora do Mercado, porque . . . porque . . . talvez tenha tambem as suas razões . . .

— Percebo, amigo, — respondi — talvez a Empreza exploradora dos mercados tenha razões de peso (e esfreguei os dedos polegar e indicador) que o obriguem a não se meter no assunto, porque é muito certo o ditado que diz . . .

— Não diga mais, — atalhou ele, — Você é um grande maganão, mas ha-de compreender que a imprensa não vive do ar e se não fosse a publicidade hoje não existia.

Director dum jornal da noite! Decerto não é o dirigente dum orgão de opinião, dum autentico jornal. Todavia é facil descobri-lo porque sendo poucos aqueles periodicos e, alguns insuspeitissimos, desde que destes se insista em querer saber quem é o «colega» «muito janota e bem posto, badine na mão, e grosso havano caro ao canto da bôca» com o qual se travou aquele dialogo, sem duvida ele surgirá no tablado.

Seria, depois, curiosissimo, tambem, folhear a coleção de seu pape-

lucho, revolve-lo, indagar das vitimas e trata-lo como *escroc* que se imiscuiu numa profissão e a desonrou.

Que vergonha nós todos devemos ter quando sabemos da existencia destes bandalhões que são jornalistas só porque tem uma gazeta montada, pelo mesmo processo e com intuitos eguaes ao de certos escritorios da Baixa onde se trata apenas de negocios suspeitos e de algumas agencias de policia de investigação particular.

Julgo que não existe neste país um pulso bastante energico para escorraçar todos estes babujadores das aguas limpidas onde os honestos querem navegar com suas brancas velas sobre as quais, por vezes, vem esparrinhar o jacto nauseante de tais canelhetes. Não ha, não; porque os homens do poder não distinguem entre a imprensa e o foliculismo e a prova está nesta nota curiosa, como as outras, mas mais positiva, que a *Epoca* insere no artigo sensacional:

«Quando da questão de Norton de Matos, da Camara, o Director do semanario B. para não perder o tempo e saber de que nada devia pôr-se tirou-se dos seus serviços á agencia de Angola pelo preço de três contos.

A agencia achou caro, porem ofereceu quinhentos escudos.

Discutiu-se o assunto entre as partes e o melro foi-se abiscoitando com 700\$00 !!!

Ao sr. F. fez identicos oferecimentos; este não sei quanto deu, mas foi «nomeando» o sujeito administrador do concelho XXX, para o pôr ao largo. Como porém o governo foi abaixo, o pedinte não chegou a tomar posse.

Falando-se com ele neste assunto ha dias, no Martinho, o maganão ria-se com grande desplante e não negou, disse apenas que havia quem com esses pasquins semanais se governasse melhor do que ele e citou logo o Director do C.»

No *Martinho*, uma lama destas!

Mas deixemo-nos de condenar só uns. Se eles metem as suas penas nos tinteiros de fezes os que lhes aproveitam os talentos trazem as fezes na alma.

O trigo e os seus detentores

Psicologia de ministros — Porque não se fazem leis por cópia — Os convencionais e as convenções — Os açambarcadores e seus bens — A fome e seus autores

O sr. ministro da agricultura acaba de fazer uma declaração sensacional ao *Diário de Lisboa*. Interrogado sobre o decreto relativo á compra de trigo nacional, pela Manutenção e Commissariado dos Abastecimentos, defendeu, deste modo, a sua medida, para mim incompreensível:

«—E' justificada pelo facto de haver seguras informações de que os lavradores não responderam com toda a verdade ao manifesto do trigo. Eles deram ao manifesto cinco milhões, quando é certo a colheita ter rendido perto de quinhentos milhões de kilogramas.

—Mas a culpa será apenas dos lavradores?

—Evidentemente que não. E' tambem dos detentores. Parte do trigo nacional está nas mãos deles.»

Possue o sr. dr. Joaquim Ribeiro «seguras informações» sobre aquelles assumptos e, ao que parece, não possui mais nada.

Pois devia possuir, ao menos, uma lei que o habilitasse a punir os açambarcadores e os sonegadores. Depois de a ter ao seu serviço, o sr. ministro devia applicá-la. Eis tudo.

Os dirigentes do poder em Portugal são quasi todos da crassa ignorancia, obtida com o bacharelato. Por via de regra, fazem os exames para passar, e, se não estudaram, depois, succede-lhes o mesmo que ao meu condiscipulo, cujas proezas julgo já ter narrado, mas que não é mau recordar de quando em quando.

O rapazola fizera seu curso liceal, passando, pelas tangentes, em todos os liceus do país e ilhas, onde o pae tinha amisades. Chegado aos estudos superiores, e interrogado por um dos lentes ácerca de certo peixe, do qual se extraía um oleo muito bom para as pessoas escrofulosas e suas congeneres, ficou atonito, de olhos em alvo, a meditar, como se esperasse do ceu a palavra magica, o nome do animal de tão difficil achado.

— Homem — tornou o professor — é um, que o senhor come, ás vezes, ao almoço, com batatas...

Num relampago de revelações, o rapaz gritou:

— Já sei... E' iscas... E' iscas...

Pois a maioria dos nossos estadistas, quando se lhes fala em bacalhau, embora, com poucas metáforas e algumas batatas, relampejam imediatamente, e chamam-lhe bifes sombrios.

Sem esta ignorancia, que já nem fica bem a meninas casadoiras, o estado seguiria outra marcha em Portugal.

Por vezes veem falar-me de interesses ligados dos detentores do poder com os detentores dos generos, e eu, como não acredito sem provas, prefiro remeter aqueles para o livro dos imbecis e estes para o dos espertos. Negocios entre os estadistas e os açambarcadores?! Oh! é bem preferível imaginá-los todos na confusão do bacalhausinho com as iscas de figado.

Este agora — o ministro da Agricultura, que tem dado provas extravagantes — veio com a formidável revelação. Devo confessar que esperava muito mais defesa dos interesses dos pobres, dos consumidores, dos humildes, da honestidade — que não nego nem suspeito decadente — do sr. dr. Joaquim Ribeiro.

A confissão deixou-me abstracto.

Sabe-se que ha detentores de trigo, note-se bem, açambarcadores dum genero de primeira necessidade, e ainda não estão presos os citados sujeitos. Porquê?

É crível que os membros do governo não tenham à mão a legislação estrangeira, referente aos casos identicos. Todavia um simples Larousse dar-lhes-hia algumas informações e um homem de algum tacto, com um dicionario enciclopedico, quatro considerandos, dois artigos e uns tres paragrafos pode fazer o beneficio dum povo.

Eis o que diz o Larousse, sr. ministro da Agricultura, eis o conselho que ele lhe envia, atravez da risada, inexplicavel, de Roberto:

«O açambarcamento consiste num negociante ou num consorcio retirarem da circulação uma grande quantidade de generos ou fazendas da mesma especie afim de ter o seu monopolio e de poder, afrontando toda a concorrência, revendê-los pelo preço mais vantajoso. As medidas contra os açambarcadores eram muito severas no tempo da monarchia; abolidos pela Assembléa Nacional Constituinte, reapareceram na Convenção que declarou o AÇAMBARCAMENTO CRIME CAPITAL.»

Não sei se os governos desta republica, onde por vezes trinotriam Marats e Robspierres, tem a mesma opinião.

É ou não crime capital o açambarcamento? O povo responde que ele constituiu o mais negregado dos crimes e, se a sua soberania — o Roberto continúa a gargalhar — é efectiva e digna de respeito, para o salvar é necessario declarar daquele genero o delito de açambarcamento.

Quando a multidão não erguia, nas pontas das piques, as cabeças dos açambarcadores ou não os engargantava numa asfixia de bagos de trigo, a guilhotina exercia a sua acção e o carrasco justificava o seu mister.

O terror diminuiu os traficantes; a lei tornou-se menos terrivel. Lá o diz o mesmo dicionario:

«Hoje, o açambarcamento, é punido com a prisão de um mês a um ano e duma multa de 500 a 10.000 francos.»

É nada em relação aos lucros auferidos, mas para Portugal chegará como para a França onde «a pena é mais grave desde que a especulação se faça sobre farinhas, trigos, pão e bebidas».

Suponha-se que se engendra uma lei assim. Roberto, cada vez sorri mais e eu não gosto dêsse sarcasmo em seus lábios.

Faça-se uma lei desta maneira, para ser aplicada daqui a dez anos. Para principiar seriam necessarios os meios de que usou a Convenção ou bastaria, em vez da guilhotina, outro golpe mais profundo: o sequestro dos bens?

Geralmente estes açambarcadores são individuos ricos, afeitos a viajar, muito mundanistas. Alguns nem mesmo param no seu país mas possuem nele os palacios. Aí está uma indicação que se o governo a não quizer seguir o povo aproveitará. Em relação aos que se apanharem, após a tosquia, poder-se ha dar-lhes um grande prazer: a viagem.

Ha por essa África alem vastissimos territorios, por enquanto ainda considerados possessões portuguezas. Julgo que tambem neles existem umas casas penitenciarias, onde uns homens de grandes chapéus de palha e numeros nas costas dos casacos de brim fazem cestos e outras habilidades. Geralmente são culpados de generosidades em esfaqueamentos e a mais processos liquidativos. Junto deles, aprendendo seus misteres, ficariam bem os que, em vez da generosidade no gesto de distribuição, usam o da maxima recolha, matando à fome um povo mais cruelmente do que os outros degredados usaram para com suas vitimas.

E se fossemos a experimentar?

A Enciclica à "formiga branca"

A abjeção dum "partido," — O idolo e os servi-
lhetes — A ignomínia duma patrulha política
— A maior vergonha dum povo — Como se sim-
bolisa a enciclica

Se no partido democratico houvesse homens em vez de castrados o dr. Afonso Costa teria recebido no Congresso do Porto o devido correctivo. O pontifice dos escandalos botou sua enciclica; a canalha recebeu-a ajoelhada. Essa canalha — a culpada dos males de Portugal — é composta por ex-monarquicos relissimos atirados pelo estomago para a quadrilha dominante e por republicanos que andavam esfomeados e hoje arrotam a postas de grande peixe.

Chamar a esse aglomerado de interesses um partido pelitico é como cognominar de sociedade elegante a gente do João Brandão.

Que nojo faz essa carta onde o amo manda e os escravos obedecem; que falta de senso moral, de vergonha coletiva e individual, que ausencia de decoro, que conubio de farçantes, de chagados, de pifios partidistas compõe essa assembleia onde se aclama este documento ignobil de desfaçatez, o qual não tem outro nome de escarro estampado num papel, de epistola defecada nas barbas dos turiferarios.

Partido politico, aquilo?! Oh! Ruins palhaços que nem a guilhotina tornaria tragicos, são esses imorais servos dum farçante conluiado em todas as negociatas reles' e que assina estas palavras que parecem uma subordinação e são uma ordem, que lembram — repito — uma epistola borradora das faces dos creados de servir do fingido democrata:

«Lisboa, 24 — Ex.^{mo} Senhor Presidente do Congresso do Partido Republicano Português — Porto — Encontrando-me em Portugal a passar as férias da Pascoa, mas sendo forçado a partir amanhã para o estrangeiro, cumpro por este meio o grande dever de apresentar as minhas saudações e de transmitir a todos os congressistas, embora tenha de me conservar afastado da toda a vida partidaria — até para ficar fiel de compromissos que publicamente assumi perante a nação quando em Novembro de 1923 fui encarregado de constituir ministerio, fazendo votos sinceros pelo engrandecimento do Partido Republicano Português, a que pertenço desde a minha mocidade, pela manutenção da sua politica e pela

continuação dos seus serviços desinteressados à Republica. Com os melhores cumprimentos. Saude e Fraternidade, (a) Afonso Costa.»

Este homem não sabe escrever; este homem não sabe uma palavra dos grandes problemas, este homem não é um estadista mas um negociante, um ser de trafico e de embuste, este homem não tem uma ideia para dar aos seus correligionarios, não usa dum estratagema inteligente, produz aquelas palavras, como um patrão de letras gordas, destinando-as aos seus foreiros e parte, foge, desaparece cobardemente, não confiando nos que o aplaudiram outrora. Sae à formiga, o homem da enciclica à «formiga».

E de joelhos, prostrados, sonhando com o que pensará ele, com o que mandará ele, com o que desejará ele, a turba ignobil roja-se e quere mandar num país que lhe grita: fóra, fóra! enquanto a não tiroteia, de novo, num abençoado exterminio.

Não ha palavras bastante fortes na lingua portuguesa para chicotear essa assembléa acéfala e castrada que é capaz de mandar assassinar os adversarios mas se dobra diante do senhor. Finalmente o que é ele? Um aliado da finança e um dos capitães da quadrilha internacional que se asila nos gabinetes ministeriais e tem os seus amigos nos Bancos e devora as nações. É um dos aventureiros que mandou para a guerra os povos e não tem feito mais do que viver da carne de canhão; é a ignobil personagem desta farçada nacional. Despreza os subditos incondicionais, os que arrancham — sim, os que se cevam nesse partido dos escandalos — e que de bôcas escancaradas lhe dão vivas, recebendo os seus escarros.

Qualquer português deve envergonhar-se de ter como compatriotas semelhantes aleijões morais. A quadrilha politica, que se intitula o partido republicano português, deve ser eliminada, para que Portugal se salve. Sidonio Pais fo tolerante e morreu às suas mãos; se tivesse cumprido o que lhe impunha a revolução estaríamos livres dos audaciosos, entre os quais imaginei existirem homens livres pleiteando por uma causa, mas no qual, de hoje em diante, só vejo servilhetes de papos no chão e trazeiros no ar, aguardando as ordens do amo para todas as licenciosidades e baixezas.

É bem a miseravel formiga branca, a destruidora dos edificios, a gentalha, a horda vil dêsse agrupamento que encarcera trabalhadores, alcavala com a finança, rouba, assassina e quere mandar. É preciso liquidar essa sociedade que enxovalha até o nome de democracia.

De joelhos, reles personagens! De rastos, socios das negociatas do pontifice apulhado e vil, que vos manda a enciclica latrinaria e ao qual todos os portugueses teem direito de pedir contas quando o toparem em Paris ou em Lisboa, no inferno até! Contas, contas, contas!

Que fizeste do nosso brio nacional, Afonso Costa? Que fizeste da fortuna da nação, que fizeste da honra da patria? Que fizeste da juventude portuguesa? A quem a vendeste e nos vendeste? Porque não te explicas? Tens medo? Sim, tu o confessas, A tua consciencia é a dum culpado. Em Portugal passas como uma sombra, balbucias queixas contra os garotos de 15 anos que trazem bombas nas algibeiras. Esses garotos são a justiça que receias, são torcidões de seu espirito desassocegado e culposo, porque ninguem te quere assassinar. Para quê? As con-

tas debes dá-las doutra maneira. Pombaleco de pacotilha, debes comparecer diante dos juizes, extraditado, julgado, condenado, ouvindo os clamores das tuas vitimas. Eras pobre e estás milionario, e os que recebem os bagos e as migalhas da tua mesa lambem os labios ante a tua certa onde lhes mandas sarcasmos e desprezos como se sorvessem um hidromel sagrado.

Pontifice da formiga! Ela carreta para ti os louvores e derruba o edificio nacional para te encher a bolsa de trafico desonesto.

Agora um vil sacristão antigo quiere um Banco para monopolio de cambiais, quer suceder-te, quer enriquecer tambem. Os tempos são outros e o papa negro desta egrejinha de patifes bem o compreendeu já. Quere mandar de longe, de Paris, do aconchego da familia enriquecida, quiere dizer de lá à canalha: obedçam ou não comem; de joelhos ou não vos atiro os ossos dos meus festins. E de rastos, eu, todos os homens, a turba gesticula como ele ordena. Assim se formou o elenco do sobado, soaram gritos de viva a republica, a saudar a enciclica à formiga, como se fosse a palavra divina! Nem senso, nem gramatica, nem idéas! Um bandalhear de banalisms numa forma tabeliôa. E com isto se satisfizeram os ex-monarquicos tornados demagogos semi-ideais e que formam o actual directorio da «formiga», a qual se deve exterminar, pois que, não podendo já ser cruel nem perseguidora, porque encontra homens pela frente, se tornou inclassificavel.

O bando atacou-me em certa noite de chuva, no Chiado, e fugiu diante do meu gesto de defesa. Só gritava, só insultava. Veiu a chuva. Como aquilo era lama perdera-se nas sargentas, mas vejo que saíu de lá mais viscosa e mais ignobil, bola de escaravelho, com que brinca o seu pontifice do lodo.